XXV Congresso de Iniciação Científica da Unicamp

18 a 20 Outubro Campinas | Brasil

Sobre flertes e afrontes: entrecruzamentos de raça, gênero e sexualidade em duas festas na cidade de São Paulo

Autor: Bruno Ribeiro Ferreira*

Resumo

Esta pesquisa teve como objeto empírico duas festas na cidade de São Paulo direcionadas ao público negro LGBT. Busco compreender os entrecruzamentos de diferenças de raça, gênero e sexualidade na constituição de sujeitos, categorias e identidades presentes nestes espaços, utilizando como marco teórico produções antropológicas que se debruçaram sobre sociabilidade e sexualidades no campo de diversidade sexual e de gênero, como também estudos largamente chamados de interseccionalidades. Trata-se de um estudo qualitativo, por meio de pesquisa etnográfica, compreendendo observação participante e conversas informais.

Palavras-chave:

Raça, Sexualidades, Diferenças.

Introdução

O escopo desta pesquisa é compreender como as diferenças de gênero, raça e sexualidade são articuladas e manejadas por frequentadores de festas voltadas para “negros LGBT” de modo a constituir categorias, identidades e estilos específicos ligados a ideias de juventude e negritude. Para tanto, realizei uma etnografia em duas festas realizadas em São Paulo, cujo engajamento político se coloca explicitamente no campo da luta antirracista, na valorização da “cultura negra e periférica” e, ao mesmo tempo, se relaciona ao deslocamento de convenções de gênero e sexualidade. Este estudo dialoga com questões centrais na produção antropológica urbana e contemporânea, nos debates sobre política, juventude, relações raciais, diferenças, sociabilidades, produção cultural e estética.

Resultados e Discussão

Apoiei-me em estratégias já bastante consolidadas no que concerne a estudos de viés qualitativo e de abordagem etnográfica, tal como sua qualificação a partir de um problema de pesquisa específico – no caso, aqui, a compreensão de como diferenças de gênero, raça e sexualidade se entrecruzam e constituem categorias, identidades e estilos, em duas festas voltadas para o público LGBT e negro na cidade de São Paulo.

A priori, parti de leituras de trabalhos que se situam no campo das interseccionalidades, como também de uma revisão de produções antropológicas brasileiras que propõem articulações de marcadores sociais da diferença em espaços de sociabilidade frequentadas por um público LGBT e estudos brasileiros sobre produção cultural, festas, bailes black e estética negra.

Os Lugares: A “*Don’t touch my hair*”, festa que nasce com objetivos de angariar verba para o financiamento de um “Acampamento feminista interseccional” e de reunir os públicos de dois blogs, o “*Bichas nagô*”, e “*Gorda & Sapatão*”. Estes blogs e suas respectivas páginas nas redes sociais anunciavam a primeira edição que ocorreu em julho de 2015, no “porão da Sanfran”; Um mês depois, a “*Batekoo*” chega em São Paulo com uma proposta de “colocar todas pra bater a bunda no chão (...)” com “*muito AFROnte, muito black power, suor, negritude, empoderamento e representatividade negra, concurso de bate trança, batalha de twerk, e abalo das estruturas da família tradicional brasileira!*”.

Desde 2015, a *Batekoo* realizou mais de 30 edições e a *Don’t Touch My Hair*, 8. Nota-se que a relação com os movimentos negro, feminista e de cultura são centrais em cada uma das edições, seja no centro sob a perspectiva de “ocupar lugares” ou na periferia como uma forma de “valorizar espaços marginalizados” e com escassez de equipamentos públicos do Estado.

Trato estas festas como “lugares-chave” (FRANÇA, 2012), ou seja, lugares que revelam entrecruzamentos entre raça e sexualidade e que colocam em questão significados e informações que circulam de modo menos explícito num conjunto mais amplo de lugares, para além dos circuitos das festas, mobilizando questões discutidas nas filas, bares e até nas “tretas” de eventos das festas, na internet.

Conclusões

As trajetórias individuais de quem produz e/ou frequenta estas festas foram determinantes para a criação de um espaço de engajamento político e de sociabilidade LGBT. Assim, a estética, a dança, a música e a produção dos vídeos-chamadas são pensados como “AFROntamento” político de caráter reivindicatório. Também foi possível notar conflitos internos e entre organizações das festas; redes locais, regionais, nacionais e até internacionais, se pensarmos a multiplicação de festas neste formato e a emersão de artistas e estilos entre jovens negros LGBT.

Por fim, a circulação de novas normatividades, isto é, o que é ser “militante” e jovem negro de periferia estão relacionadas a uma estética “afro-urbana” que, nestes espaços, informam a ausência/presença de um discurso antirracista e uma postura, estilo e discursos de “empoderamento” e afirmação de identidades— ponto de infundáveis conflitos sobre ativismo político e geração.

Agradecimentos

Agradeço ao PIBIC/CNPq pelo financiamento deste estudo e à Isadora Lins França pela dedicada e estimulante orientação!

DÍAZ BENÍTEZ, María Elvira. Negros Homossexuais: Raça e Hierarquia no Brasil e na Colômbia. 171f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), PPGAS-Museu Nacional, Universidade Federal de Rio de Janeiro, 2005.

FRANÇA, Isadora Lins. Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. 2010. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Unicamp, Campinas, 2010.

GOMES, Nilma. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 2004.

DOI: 10.19146/pibic-2017-79021

XXV Congresso de Iniciação Científica da UNICAMP